

MÍNIMAS ETERNIDADES



AUGUSTO LA FERE

ARS VERBI

MÍNIMAS ETERNIDADES

AUGUSTO LA FERE

MÍNIMAS ETERNIDADES

Edição Digital

LAPA
ARS VERBI
2026

Créditos

Mínimas Eternidades

© 2026 Augusto La Fere

Publicado por *Ars Verbi™*

Lapa, Paraná, Brasil

Edição Digital

ISBN: 978-65-988752-2-0

Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Compartilha Igual 4.0 Internacional (CC BY-NC-SA 4.0). Você pode compartilhar e adaptar esta obra, desde que:

- Atribua o crédito ao autor;
- Não a utilize para fins comerciais;
- Publique obras derivadas sob a mesma licença.

Para mais detalhes, visite:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

<https://www.arsverbi.com.br>

Dedicatória

Aos instantes que não cabem nas horas, mas que sustentam o tempo como quem segura água nas mãos.

Aos gestos que permanecem mesmo quando o corpo já esqueceu o motivo, às vozes que cessaram antes de concluir a frase e deixaram no ar o calor do que seria dito.

Aos que partiram — não como ausência, mas como forma de permanecer.

Aos que ficaram — não por escolha, mas por amor à espera.

A tudo o que passa e, passando, se faz raiz.

A tudo o que não volta, mas continua respirando.

“Há em nós uma reserva de luz que o medo não alcança. Ela nasce quando cessamos de desejar o que se repete. Então o instante se torna vasto como o silêncio, e o gesto mínimo contém o peso do mundo.”

— *Sophia de Mello Breyner Andresen*

Sumário

Prólogo

Parte I — Exposição

1. Claridade imóvel.....	2
2. Matéria simples.....	3
3. Linha do horizonte.....	4
4. Campo sem figura.....	5
5. Pedra.....	6
7. Vento ausente.....	7
8. Luz inicial.....	8
9. Pó.....	9
10. Silêncio de chão.....	10
11. Estrutura.....	11
12. Sombra.....	12
13. Temperatura.....	13
14. Horizonte raso.....	14
15. Chão de névoa.....	15
16. Restos de noite.....	16
17. Fóssil.....	17
18. Linha d'água.....	18
19. Fronteira.....	19
20. Gravidade.....	20
21. Matéria de tempo.....	21
22. Limiar.....	22

Parte II — Manifestação

1. O ar anterior.....	24
2. Primeiro sopro.....	25
3. Clareira.....	26
4. O invisível tem pele.....	27

5. Primeiro calor.....	28
6. Matéria leve.....	29
7. Som de dentro.....	30
8. Gesto de vento.....	31
9. Entre respirações.....	32
10. Primeiro encontro.....	33
11. O calor entre.....	34
12. Rosto da distância.....	35
13. O corpo da espera.....	36
14. Som da pele.....	37
15. Claridade de dentro.....	38
16. Murmúrio.....	39
17. Chama breve.....	40
18. Gestos que retornam.....	41
19. Silêncio em forma.....	42
20. Retorno do ar.....	43

Parte III — Interiorização

1. Restos de claridade.....	45
2. Matéria da lembrança.....	46
3. O quarto lembra.....	47
4. Voz em repouso.....	48
5. Fragmento de espelho.....	49
6. Água imóvel.....	50
7. Linha de som.....	51
8. Palavra que pesa.....	52
9. Paredes do pensamento.....	53
10. Claridade residual.....	54
11. Fôlego da mente.....	55
12. Paisagem interna.....	56
13. Pedra clara.....	57
14. Fragmento noturno.....	58
15. Voz subterrânea.....	59
16. Casa por dentro.....	60
17. Forma do descanso.....	61

18. Corpo do silêncio.....	62
19. Linha de luz.....	63
20. Memória do calor.....	64
21. Fôlego imóvel.....	65
22. Interior pleno.....	66

Parte IV — Dissolução

1. O último reflexo.....	68
2. Fim de forma.....	69
3. A pausa.....	70
4. Água antiga.....	71
5. Bruma.....	72
6. Matéria mínima.....	73
7. Intervalo.....	74
8. Pólen.....	75
9. Desenho do vento.....	76
10. No limite da voz.....	77
11. Areia.....	78
12. Espelho de névoa.....	79
13. Linha d'água.....	80
14. Maré lenta.....	81
15. Desvanecer.....	82
16. Círculo de ar.....	83
17. O leve do mundo.....	84
18. Restos de som.....	85
19. O que não volta.....	86
20. Corpo de névoa.....	87
21. Última claridade.....	88
22. Dissolução.....	89

Parte V — Formas Invertidas

1. Reverso da luz.....	91
2. Memória da água.....	92
3. Corpo do vento.....	93
4. Recomeço do pó.....	94

5. Luz de dentro da sombra.....	95
6. Som que recolhe.....	96
7. Espelho sem rosto.....	97
8. Gravidade invertida.....	98
9. Transparência.....	99
10. Retorno das formas.....	100
11. Cor invertida.....	101
12. Som de pedra.....	102
13. Forma da ausência.....	103
14. O leve regressa.....	104
15. Casa de luz.....	105
16. Retorno ao som.....	106
17. Sopro de dentro.....	107
18. Círculo.....	108
19. Reaparição.....	109
20. Claridade total.....	110
21. Matéria aberta.....	111
22. O mesmo instante.....	112

Epílogo

Prólogo

Antes do som, o ar se move.
Nada anuncia o começo:
apenas o leve deslocar do espaço.

Entre duas presenças, algo passa,
não visível, não nomeado.
E o instante se abre como respiração.

O tempo não avança,
permanece suspenso no gesto
que ainda não ocorreu.
Cada coisa repousa dentro de si,
como luz guardada na pedra,
como sombra que recorda o corpo ausente.

Nada se cumpre.
Tudo espera.
E, nessa espera, o mundo se sustenta.

O silêncio é a forma do movimento.
A ausência, o contorno do que existe.
O ar pensa.

Parte I — Exposição

1. Claridade imóvel

A manhã existe,
mas ainda não acordou.
A luz repousa no pó,
indecisa entre ouro e cinza.

Nada se move.
O tempo respira raso.
O mundo, antes de ter nome,
escuta.

2. Matéria simples

O chão sustenta o ar.
O ar sustenta o silêncio.
Nenhum som,
só o rumor de ser.

A pedra pensa o calor.
O ferro sonha forma.
Tudo é corpo antes do gesto.

3. Linha do horizonte

O longe não se distingue.
Há apenas distância.
As coisas respiram lado a lado,
sem saber.

Um brilho percorre o espaço —
talvez vento,
talvez lembrança do que virá.

4. Campo sem figura

A terra estende o próprio peso.
O verde não tem dono.
As folhas são todas primeiras.

Nenhum olho as chama.
Mesmo assim, reluzem.
O mundo aprende
a existir sem testemunha.

5. Pedra

Fria,
mas viva de paciência.

O tempo a atravessa devagar.
Cada grão se lembra de outro.

Não pensa,
mas permanece.
Tudo nela é origem.

6. Água parada

Superfície que reflete
sem saber o que mostra.

O fundo respira,
mas não pede claridade.
Um inseto toca
e o espelho se refaz.

O mundo reconhece
o movimento mínimo.

7. Vento ausente

Nada sopra,
mas o ar se inclina.

As sombras se movem sozinhas,
como quem ensaia corpo.

Há rumor de folha,
mesmo sem árvore.
O espaço ensaia respiração.

8. Luz inicial

Não é dia nem noite.
É o instante entre tons.

A claridade não vem de fora,
mas do próprio tempo.
O mundo, por um breve gesto,
se percebe aceso.

9. Pó

O leve se ergue.
Cada partícula procura forma.
Nenhum vento ajuda —
é o vazio que sustenta.

O brilho é da insistência,
não da luz.
Tudo o que flutua
aguarda destino.

10. Silêncio de chão

A terra ouve.
Sob ela, sementes imóveis.

Nada cresce,
mas tudo sabe o que será.

O som do mundo
é a espera.

11. Estrutura

Linhas cruzam o espaço
sem projeto.

O ferro cede ao tempo
com elegância.
Nenhuma força domina.

Tudo se equilibra
na incerteza do início.

12. Sombra

Um contorno nasce
antes da coisa.

A luz experimenta o erro.
O escuro aprende a ter borda.

Há um acordo silencioso
entre o visível e o que não.

13. Temperatura

O frio não é ausência,
é forma de calma.

O calor, ainda escondido,
respira fundo.
Cada pedra conhece o meio-tom.

O mundo é corpo em repouso.

14. Horizonte raso

Nada se ergue,
nada declina.
O olhar se dissolve no mesmo.

A distância é uma linha viva,
que não promete chegar.

15. Chão de névoa

A matéria pensa lento.
Tudo pesa um pouco menos.

O dia caminha de si pra si.
Nenhum som se repete.

O ar aprende espessura.

16. Restos de noite

Ainda escuro,
mas o escuro já se afina.

O que foi sombra
guarda lampejo.

O mundo não desperta —
se recolhe para nascer.

17. Fóssil

Dentro da pedra,
um gesto dorme.

O tempo o protege.
Nenhum olho precisa vê-lo.

Tudo o que foi
permanece inclinado à forma.

18. Linha d'água

O espelho se dobra.
A margem é apenas rumor.

Nada divide,
nada une.

A superfície sonha corpo,
sem querer.

19. Fronteira

O visível termina devagar.
A névoa escolhe ficar.

A cor perde nome,
mas não sentido.

O espaço se torna espelho
de si mesmo.

20. Gravidade

Tudo busca chão,
mesmo a luz.

O peso é oração antiga.
Cada coisa sabe cair.

A queda é outra forma
de permanecer.

21. Matéria de tempo

O instante se acumula.

O agora tem cheiro de antes.

Nenhum relógio pulsa,
mas o tempo se move.

A eternidade é esta lentidão.

22. Limiar

O ar respira mais fundo.
A luz se curva para dentro.

O mundo compreende o próprio corpo.
Não há som,
mas algo desperta.

A presença encontra a direção.
Começa o amor.

Parte II — Manifestação

1. O ar anterior

Nada respira,
e o espaço, ainda assim, se move.

Um calor pequeno
percorre o escuro.

Não é fogo,
é espera.

Há um murmúrio sem origem,
como se o ambiente pressentisse
a forma que o conterà.

Tudo se inclina
para esse quase gesto.

2. Primeiro sopro

O vazio cede um som.
Um hálito encontra outro.

A sombra se dobra
sobre o que nasce.

O vento atravessa o vento,
sem destino,
e o instante vibra.

Nenhum corpo ainda,
mas a lembrança do toque
já pulsa no escuro.

3. Clareira

Luz parada sobre o pó.
Nada entra,
é o próprio mundo
que se revela.

A claridade pesa,
toca a madeira,
espalha o rumor do tempo.

Cada partícula respira
como quem aguarda um rosto.
Por um instante,
tudo é pele.

4. O invisível tem pele

O vidro da janela embaça.
O frio tenta permanecer.

Há uma mão do outro lado.
Entre ambas,
apenas o vapor.

O invisível tem pele,
e nela, um calor breve
repete o gesto do mundo.

5. Primeiro calor

A cortina encosta na luz.
O pano se move sozinho.

Um leve peso
surge no ambiente.

O quarto exala um cheiro doce,
como se o tempo suasse.

Nada começa,
mas tudo se aquece.

6. Matéria leve

A poeira dança,
mansa,
na respiração da manhã.

O chão brilha,
a parede devolve cor.

A atmosfera, densa,
se deixa ver.

Há paz,
e nela, o rumor
de algo que acabou de existir.

7. Som de dentro

A tigela treme
sem som algum.

Talvez um passo no corredor.
Talvez o ambiente lembrando o toque.

Mesmo parada,
a porcelana escuta.
O mundo respira por dentro.

8. Gesto de vento

Pano no varal.
Nada sopra,
e ainda assim ele se move.

O vento parado tem memória.
Cada dobra carrega
o instante em que foi estendida.

O leve pesa um pouco,
como o desejo
de permanecer.

9. Entre respirações

O relógio dorme.
A casa respira.

Um fio de claridade
pousa no chão.

No espaço entre dois fôlegos
o tempo se lembra de existir.

Nada se apressa.
Tudo repousa
no compasso do quase.

10. Primeiro encontro

Dois copos se tocam.
Não tilintam —
encostam.

O ar se contrai.
Há um som breve,
como respiração.

Nenhum gesto,
mas o mundo
se reconhece.

11. O calor entre

A água na chaleira
não ferve,
mas insiste.

A superfície vibra,
repleta de silêncio.

O metal respira o que guarda.
Dentro dele,
o fogo aguarda forma.

12. Rosto da distância

O espelho guarda vapor.
A imagem demora a voltar.

De dentro pra fora,
o contorno se repete,
mas não se cumpre.

O vidro embacia o que lembra.
A distância tem cheiro
de corpo antigo.

13. O corpo da espera

Cadeira vazia,
luz baixa.

O ambiente guarda
o peso do gesto interrompido.

Tudo se inclina
para o que não veio.

A madeira respira
como quem recorda um nome.

14. Som da pele

A mão para
antes de tocar a parede.

O frio devolve morno
no intervalo.

Há rumor de cal,
um breve arrepio
que atravessa o espaço.

15. Claridade de dentro

Âmbar no copo vazio.
Não é bebida —
é hora.

O vidro prende
um resto de luz.
A tarde pesa,
como lembrança molhada.

16. Murmúrio

A casa range.
Portas fechadas respiram.

Nenhuma voz,
mas o som insiste.

O ambiente repete,
baixo,
o que o corpo calou.

17. Chama breve

O fósforo risca o escuro.
Um clarão.
O instante arde.

O ar se curva
ao redor do fogo.

Depois,
só o cheiro do que foi luz.

18. Gestos que retornam

A toalha volta ao mesmo prego.
O tecido conhece a dobra.

Nada muda,
mas tudo recomeça.

O tempo se acomoda
na repetição do gesto.

O ambiente observa,
fiel.

19. Silêncio em forma

Pedra sobre o pano.
O peso impede o voo.

O tecido aceita.
Há paz no que se contém.

O vento, quieto,
espera outra tarde
para existir.

20. Retorno do ar

O quarto esfria.
Nada falta.

A claridade se recolhe
às bordas das coisas.

O ambiente volta a ser ambiente.
Mas agora
sabe o que é calor.

Parte III — Interiorização

1. Restos de claridade

No vidro, o brilho persiste.
Não há corpo,
só a lembrança da luz sobre ele.

O mundo respira por dentro das coisas.
Cada forma carrega o que tocou.
Mesmo o vazio tem temperatura.

A claridade não cessa —
apenas muda de lugar.

2. Matéria da lembrança

O calor, agora, é memória.
Habita o centro do peito
como se o tempo o mantivesse em suspensão.

Nada queime,
mas tudo reluz.

A lembrança tem cheiro,
e a mente, textura.
Dentro dela, o mundo ainda se move.

3. O quarto lembra

As paredes guardam o som do corpo.
O chão sabe onde os pés estiveram.

Nada se move,
mas o ambiente pulsa
como se esperasse retorno.

O ar é denso de lembrança,
quase visível.
O tempo se dobra e fica.

4. Voz em repouso

Há um som baixo
vindo do fundo da calma.

Não é palavra,
é presença antiga
reaprendendo o nome.

Tudo o que viveu o silêncio
retorna como ritmo.
O corpo escuta o que disse sem saber.

5. Fragmento de espelho

A imagem se desfez,
mas o reflexo ainda reflete.

No estilhaço,
um pedaço do rosto observa.

Nada inteiro resiste.
Mesmo assim,
o olhar continua no vidro,
ciente do que partiu.

6. Água imóvel

Dentro da tigela,
a superfície guarda o teto.

O reflexo é lento,
mas devolve o mundo inteiro.

Nenhum gesto —
apenas a permanência da forma.

O amor também é isso:
o que se conserva parado,
mas vibra em memória.

7. Linha de som

O vento voltou,
agora dentro.

Um sopro atravessa o peito
como corda invisível.

Não há dor,
só vibração.
O corpo é instrumento do que foi.

8. Palavra que pesa

Tudo o que se diz
se deposita no chão —
entre o pó e as pegadas.

O eco tem corpo.
As sílabas lembram o tato.

Falar é uma forma
de tocar o tempo.
E o tempo,
de nos ouvir.

Às vezes,
a voz deixa um brilho no piso,
como se o som também cansasse.

9. Paredes do pensamento

As ideias respiram lentas.
Não há fronteira entre dentro e fora.

O quarto se estende até o horizonte.
A distância ficou interior.

O silêncio, agora, é vasto.
O corpo pensa com o espaço.

10. Claridade residual

Ainda há luz.
Pouca, mas viva.

Escorre pelo canto do olhar,
como lembrança que se recusa.

Nada ilumina,
mas tudo cintila um pouco,
como se a ausência respirasse ouro.

11. Fôlego da mente

O pensamento inspira o que resta.
Cada lembrança é um pulmão antigo.

Nada pesa.
O ar de dentro sustenta o de fora.

Há paz,
mas é uma paz que escuta.
A mente aprendeu
o gesto do corpo.

12. Paisagem interna

Há uma planície atrás dos olhos.
Nela, o vento é pensamento.

Nada cresce,
mas tudo se move um pouco,
como se a memória respirasse.

As antigas vozes
voltam em forma de luz.
Cada lembrança é horizonte.

13. Pedra clara

Uma pedra descansa na mesa.
Nenhum uso,
só presença.

A superfície guarda calor antigo.
Quando a mão se aproxima,
a pedra reconhece o gesto.

O mundo se lembra
de ter sido chão.

14. Fragmento noturno

Da janela, o escuro reflete.
Nada a ver,
só a sentir.

A noite é espelho líquido.
As estrelas são memórias do corpo
espalhadas no teto.

O pensamento acende
onde o olho repousa.

15. Voz subterrânea

Há som sob o som.
Uma palavra que não sobe.

Ela dorme no fundo da garganta,
onde o silêncio faz morada.

De vez em quando desperta,
faz o peito estremecer,
e volta a se calar,
como se a quietude
tivesse aprendido língua.

16. Casa por dentro

As paredes respiram mais devagar.
Cada canto guarda o eco de um nome.

A luz entra cansada,
se deita no chão
como lembrança que envelhece bem.

Dentro da casa,
há outra casa:
feita de gestos antigos,
de vozes que ainda aquecem o ar.

17. Forma do descanso

O tempo, agora, é redondo.
Rola no pensamento
como pedra em corrente mansa.

Nada termina —
apenas se acomoda.

A mente, serena,
ouve a própria forma.

O amor descansa em si.

18. Corpo do silêncio

A ausência tem densidade.
Se move, discreta,
pelos cômodos da lembrança.

O que foi calor
hoje é textura de calma.

O corpo aprendeu a ouvir
sem precisar do som.

19. Linha de luz

A claridade corta o chão.
Nenhum sol —
apenas a memória da manhã.

Tudo o que foi gesto
brilha por instinto.

O mundo ficou quieto,
mas o brilho ainda trabalha.

20. Memória do calor

O ambiente guarda
o que a pele esqueceu.

Há vestígios de toque
nas coisas simples:
a xícara, o pano,
a sombra da cortina.

O calor sobrevive nelas,
fiel, quase esquecido,
como cão à porta.

21. Fôlego imóvel

O pensamento respira.
Entre um ritmo e outro,
uma trégua.

Não é fim,
é repouso.

A mente entende o corpo
como se o tivesse sonhado.

O tempo, enfim,
se senta.

22. Interior pleno

Nada resta a buscar.
A claridade é interna.

O corpo é paisagem,
a lembrança, chão.

A voz que não fala
é a que perdura.

Dentro do silêncio,
o amor ainda move as coisas.

Parte IV — Dissolução

1. O último reflexo

A luz demora a sair do vidro.
Um resto de dia se deita na parede.
O quarto exala calor antigo.
Nada se move, mas tudo respira.

O olhar aprende a não buscar.
A claridade se recolhe como um corpo.
Cada coisa devolve sua própria sombra.
No fim, só o brilho permanece,
quieto, obstinado, inteiro.

2. Fim de forma

O gesto se esquece da mão.
A superfície cede, sem dor.
O som dos objetos se afina.

O mundo se torna arame fino de luz.
Nada se quebra, apenas se dissolve.
A matéria ainda vibra,
mas já não precisa durar.

O amor é o espaço deixado
pelo que se apagou em calma.

3. A pausa

O tempo dobra o corpo do instante.
Tudo se suspende.
O vento pensa,
a luz espera.

Dentro do silêncio,
há um rumor de nascimento.
Não é retorno,
é respiração mais funda.

A eternidade cabe entre duas esperas.

4. Água antiga

O chão cheira a chuva antiga.
As pedras guardam brilho de ontem.

O rio secou,
mas o leito ainda murmura.

Cada gota perdida
se acomoda na terra
como lembrança que aceita o fim.

A sede é tranquila.
O vazio sabe beber.

5. Bruma

A manhã não se forma.
O horizonte se mistura à pele.
As cores se esquecem de si.

Tudo é cinza, mas o cinza pulsa.
O olhar passa por dentro da névoa
como se buscasse temperatura.

Nada falta,
mas tudo se apaga devagar.

6. Matéria mínima

O corpo aprende a ser leve.
Os ossos sonham transparência.
A pele se torna pensamento.

Nada se sustenta —
a própria ausência serve de chão.

A luz atravessa
como lembrança morna.
O amor, agora,
é o que resta do som.

7. Intervalo

Há um lugar entre os instantes.
Ali o tempo repousa,
sem antes nem depois.

O espaço se abre,
feito concha vazia.

Dentro dela,
um sopro antigo persiste.
Tudo o que viveu
cabe nesse hiato.

8. Pólen

O vento ergue o que resta.
Nem pó, nem semente —
apenas leveza.

O ar carrega destinos alheios.
O chão recebe o que volta.

O ciclo se cumpre:
tudo o que foi flor
se entrega ao invisível
com doçura.

9. Desenho do vento

Um galho risca o espaço.
O som é quase linha.
A paisagem respira por dentro.

O vento escreve nomes breves,
depois os apaga.
A terra aceita.

Mesmo o esquecimento
guarda memória do gesto.

10. No limite da voz

As palavras murcham devagar.
As vogais flutuam como velas.
O sentido escorre pelos intervalos.

Ainda há música,
mesmo sem som.

A boca aprende
a falar com o ar.
O silêncio é idioma completo.

11. Areia

O chão se move em grãos lentos.
Os passos somem,
mas a direção persiste.

A superfície guarda calor,
mesmo sob o vento.
Tudo o que se desfaz
ainda devolve brilho.

O esquecimento tem textura
de eternidade.

12. Espelho de névoa

Nada reflete.

O vidro apenas guarda bruma.

O rosto tenta voltar
e se perde.

A luz, cansada,
prefere repousar no ar.

Mesmo o olhar se dissolve,
aceitando não ver.

A visão aprende o toque da ausência.

13. Linha d'água

Um fio corre
entre o chão e o céu.

Não é rio,
é fronteira que respira.

A vida flui ali —
não indo,
não ficando.

O movimento é tudo o que resta
de forma.

14. Maré lenta

O sal cobre o chão.
Há um murmúrio sob o vento.

A água entra,
a água parte.

Nada impede,
nada guarda.
O mundo se torna
pulsação sem orla.

15. Desvanecer

A cor abandona o nome.
O som se apaga nas paredes.

Cada coisa esquece o que era.
Mesmo o tempo se desdobra em pó.

Dentro do esquecimento,
há uma ternura clara,
como se o vazio quisesse consolar.

16. Círculo de ar

Tudo o que sobe,
permanece suspenso.

Folhas, poeira, vozes.
O alto é apenas outro chão.

O vento fecha o próprio traço.
Nada se perde —
tudo se curva de volta.

17. O leve do mundo

A matéria desaprende o peso.
As pedras lembram nuvens.

O chão respira devagar,
ciente do voo.

O leve governa o real
como quem não quer.
Até o silêncio parece dançar.

18. Restos de som

A distância ecoa.
Nenhum canto,
mas há vibração.

O ouvido, livre,
escuta por dentro.
Cada lembrança canta
um tom de ninguém.

A música termina,
mas o ar ainda treme.

19. O que não volta

O horizonte apagou.
Nem linha, nem céu —
apenas luz em dispersão.

O olhar procura,
não encontra.

Mesmo assim,
segue o gesto do buscar,
como se isso bastasse.

20. Corpo de névoa

As mãos atravessam o espaço
e não encontram fronteira.

A pele se mistura ao ambiente.
O calor é do mundo inteiro.

Tudo se toca,
nada se separa.

O amor perdeu forma,
ganhou extensão.

21. Última claridade

Há brilho no escuro.
Fino, persistente.

Não é estrela,
nem memória.
É o resto do que ardeu,
querendo durar.

A noite respira por dentro do dia.
O fim tem sabor de retorno.

22. Dissolução

Tudo se acalma.

A luz se reparte no nada.

O corpo é transparência.

O som, respiração antiga.

Nenhum nome,
nenhum contorno.

O mundo inteiro
descansa em si.

Parte V — Formas Invertidas

1. Reverso da luz

A claridade aprende sombra.
O brilho se dobra
sobre o próprio corpo.

Nada cega —
tudo revela o que esteve atrás.

Até o escuro
parece iluminar.
O mundo reaprende a nascer ao contrário.

2. Memória da água

O rio não corre.
É o tempo que o visita.

A corrente reflete o passado
como superfície viva.

Nada se move,
mas tudo retorna em espiral.
Mesmo a ausência tem brilho líquido.

3. Corpo do vento

O leve ganha forma.
O que antes passava,
agora sustenta.

A paisagem respira
por dentro do movimento.

As folhas conhecem o som do nada.
O invisível tem densidade.

4. Recomeço do pó

Cada grão contém uma história de queda.
O chão ergue o que o peso deixou.

A poeira não repousa —
ela flutua por vocação.

Ser é continuar no mínimo.
A leveza, agora, é a memória da pedra.

5. Luz de dentro da sombra

O escuro abre passagem.
O claro nasce por contraste.

A parede reflete o avesso do dia.
Nada é puro,
mas tudo cintila de mistura.

O amor reaprende a respirar
na penumbra.

6. Som que recolhe

Depois da música,
o ar ainda vibra.

O ouvido escuta
o que o som esqueceu.

Cada pausa tem corpo.
A melodia se dobra
até caber no silêncio.

7. Espelho sem rosto

A superfície brilha,
mas não devolve imagem.

Quem olha
encontra o próprio olhar.
A luz atravessa sem ferir.

Ver é lembrar de ter sido visto.

8. Gravidade invertida

O peso sobe.
As pedras sonham leveza.

O chão aprende voo.
O alto aprende espera.

Nada cai —
tudo se suspende.

O mundo repousa
na direção contrária.

9. Transparência

O vidro não separa.
É o espaço entre duas claridades.

As mãos se tocam
sem barreira.
O tempo, translúcido,
deixa passar o que vive.

Tudo o que era espesso
se torna visível por dentro.

10. Retorno das formas

As coisas reassumem contorno,
mas outro.

A matéria se lembra da luz.
O gesto recomeça,
menos urgente.

O mundo respira devagar,
como quem volta
de um sonho completo.

11. Cor invertida

O branco traz o peso do escuro.
O negro acende um tom de ouro.

A cor já não é aparência,
é lembrança de claridade.

O olho aprende
a ver por dentro.

12. Som de pedra

Mesmo o silêncio
retém vibração antiga.

O mineral recorda o canto.
O tempo ecoa em suas dobras.

Nada vivo,
e ainda assim, pulsante.
O mundo fala na língua do mineral.

13. Forma da ausência

A linha se mantém,
mesmo sem contorno.

O espaço recorda
a forma que o deixou.
Ser é continuar o vazio
que deu origem.

A ausência é estrutura.

14. O leve regressa

Folhas caem para o alto.
O vento sustenta o contrário.

O ciclo inverte o peso.
O tempo se curva em sorriso.

Nada termina —
apenas se move noutra direção.

15. Casa de luz

As paredes não prendem,
refletem.

O teto é um espelho
para o invisível.
O chão guarda claridade líquida.

O espaço é corpo
sem borda.

16. Retorno ao som

Um pássaro atravessa o silêncio.
Não canta —
mas o ar se ilumina.

O voo é a lembrança
de um canto antigo.

A leveza ocupa o que sobra da palavra.

17. Sopro de dentro

Nada sopra de fora.
O vento nasce do peito da terra.

O calor se espalha,
como lembrança de um toque.

O mundo respira
com o que aprendeu do amor.

18. Círculo

O começo toca o fim
sem perceber.

Tudo se curva em descanso.
O instante se dobra sobre si.

O tempo perde margem,
mas ganha permanência.

19. Reaparição

Nada volta igual,
mas volta.

A cor reencontra o contorno.
O som retoma corpo.

Até o silêncio parece novo.
O amor reaprende a começar.

20. Claridade total

Luz sem origem.
O espaço inteiro aceso.

Nenhum centro,
nenhuma borda.

O ser dissolve nome,
mantendo apenas brilho.
O mundo é sua própria visão.

21. Matéria aberta

O corpo do tempo respira.
As coisas voltam a ter pulso.

A eternidade passa por dentro da forma.
Nada retém —
tudo acolhe.

A presença é transparente.

22. O mesmo instante

O que foi início retorna.
Mas agora,
sabe.

A luz toca o chão
sem se separar dele.
Tudo existe
como lembrança de si.

O amor recomeça
no mesmo lugar do ar.

Epílogo

O dia termina dentro da luz.
Nada se apaga —
apenas muda de claridade.

O chão respira
com a paciência das pedras.
O que foi corpo
agora é lembrança de forma.

Não há fim.
O ar que se ergueu das coisas
continua a mover o tempo.

Em cada gesto,
resta o eco do primeiro toque.
Tudo o que foi calor
ainda acende o mundo.

O amor,
sem nome,
retorna ao seu lugar:
entre o instante
e o eterno.

Nota biográfica

Augusto La Fere (Lapa, Paraná, 1973) é autor e ensaísta. Sua escrita transita entre filosofia, memória e metáfora da paisagem, explorando a tensão entre silêncio e palavra. Fundador do selo Ars Verbi™, dedica-se à publicação artesanal e digital de obras sob licenças livres.

Entre suas publicações destacam-se *“Cinco Formas”*, *“Diálogos”*, *“Buscando a Borges”*, *“Ashes of Bronze”* e *“O Livro dos Restos”*. Vive e trabalha no Paraná, atuando também em iniciativas culturais voltadas à difusão da literatura livre.

Colofão

Este livro foi composto em EB Garamond, projeto tipográfico de Georg Duffner (2008), herdeiro direto das formas renascentistas talhadas por Claude Garamont (c.1480–1561), em Paris. Entre o ferro e o papel, sua elegância perdura: um traço de tempo que se deixa reler. Cada letra, como um corpo antigo, guarda o rumor das prensas manuais — e ao ser tocada pela luz digital, reacende o gesto humano que a criou. Assim como o amor que percorre estas páginas, esta fonte sustenta o diálogo entre presença e desaparecimento: a forma que se dissolve, mas não some.

A edição digital foi concluída em fevereiro de 2026, pela *Ars Verbi™*, em Lapa, Paraná, onde o silêncio ainda sabe o peso das palavras.

